

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

GREICYMARA SILVA LIMA

**A INTERFERÊNCIA DOS DEUSES NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM
MITOLÓGICA HELENA:
DO JULGAMENTO AO PARAÍSO**

Itabaiana/SE

2018

Greicymara Silva Lima

**A INTERFERÊNCIA DOS DEUSES NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM
MITOLÓGICA HELENA:**

Do julgamento ao paraíso

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de graduada em Letras Português Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sergio Marchelli

Coorientadora: Profa. Dra. Luciene Lages

Itabaiana/SE

2018

Greicymara Silva Lima

**A INTERFERÊNCIA DOS DEUSES NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM
MITOLÓGICA HELENA:**

Do julgamento ao paraíso

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de graduada em Letras Português Licenciatura.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Mayara Menezes Santos – UFS

Prof. Dr. Paulo Sergio Marchelli – UFS
(Orientador)

Profa. Dra. Luciene Lages Silva – UFS
(Coorientadora)

*A Deus, como forma de gratidão por todo
o suporte nessa caminhada tão sonhada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado forças para vencer minha maior dificuldade nessa caminhada: a ansiedade.

Agradeço também à minha mãe, por sempre acreditar na minha capacidade e pelo constante incentivo.

Ao meu esposo, Brayner Lima, por nunca medir esforços para me apoiar nesse trajeto.

A profa. Dra. Luciene Lages, por ter me mostrado o mundo da Literatura Clássica, ainda no terceiro período do curso, e por ser uma orientadora-amiga.

A Isabela, que nunca deixou de me erguer nos momentos primordiais e por ser meu ombro amigo.

A Iasmim, pelas sábias palavras e pela enorme troca de conhecimentos.

A Íris, por ter me incentivado a continuar em busca dos meus objetivos.

Ao meu orientador prof. Dr. Paulo Sergio Marchelli (DEDI), por contribuir com seus saberes neste momento tão importante.

Enfim, agradeço a todos os docentes do Departamento de Letras (UFS) que contribuíram para a minha formação profissional, em especial, a profa. Dra. Márcia Mariano, que também contribuiu para a formação pessoal.

Como uma parede antiga, riscada por milênios com camadas de grafites, Helena preserva a nossa memória. Ela se tornou aquilo que os outros disseram sobre ela, fizeram em nome dela, sofreram por causa dela, criaram em homenagem à ela. A história dela e a nossa não devem ser separadas. Mais especificamente, ela é a mulher que desejamos, idealizamos, idolatramos, difamamos, celebramos, construímos e desconstruímos. (MEAGLER, 2002, p. 1).

RESUMO

A trajetória de Helena encontra-se em segundo plano quando o assunto é referente à personagem, já que ela ficou conhecida apenas por ter desencadeado a Guerra de Tróia. Helena é tida como um modelo a não ser seguido e por isso é famosa por sua traição. Dessa forma, pretendemos, nesse trabalho, explicar o percurso da vida de Helena, desde o seu nascimento até a sua ida para o paraíso dos mortais. Sendo assim, dividimos o roteiro da vida da bela mortal em capítulos, atentando para a influência que os deuses gregos desempenharam nesse percurso, mais especificamente Zeus e Afrodite. Para o desenvolvimento da pesquisa foi essencial a leitura das obras homéricas *Ilíada* (VIII a.C.) e *Odisséia* (VIII a.C.), a fim de entender como a má fama da personagem surgiu. Além disso, analisamos a obra literária *Helena* de Eurípides (V a.C.) e o texto argumentativo *Elogio de Helena* do sofista Górgias, visto que nesses textos encontramos perspectivas em defesa da personagem Helena. Como embasamento teórico, utilizamos as concepções de Crepaldi (2012), Deserto (2016), Grimal (1997), Ribeiro Jr. (1998) e Vernant (2000). Por fim, depreendemos que toda a trajetória de Helena é influenciada pelos deuses, visto que achamos indícios, desde o nascimento, transitando pelo seu rapto, sua volta para Esparta e sua ida para a ilha dos Bem Aventurados, de que os deuses atuaram nessa rota, inclusive usaram Helena para o desencadeamento da Guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Helena. Trajetória. Influência. Deuses.

RESUMEN

La trayectoria de Helena se encuentra en segundo plano cuando el asunto es referente al personaje, ya que ella se conoció sólo por haber desencadenado la Guerra de Troya. Helena es considerada como un modelo a no ser seguido y por eso es famosa por su traición. De esta forma, pretendemos, en ese trabajo, explicar el recorrido de la vida de Helena, desde su nacimiento hasta su ida hacia el paraíso de los mortales. Siendo así, dividimos el guión de la vida de la bella mortal en capítulos, atentando para la influencia que los dioses griegos desempeñaron en ese recorrido, más específicamente Zeus y Afrodita. Para el desarrollo de la investigación fue esencial la lectura de las obras homéricas *Ilíada* (VIII a.C.) y *Odisea* (VIII a.C.), a fin de entender cómo la mala fama del personaje surgió. Además, analizamos la obra literaria *Helena* de Eurípides (V a.C.) y el texto argumentativo *Elogio de Helena* del sofista Górgias, ya que en esos textos encontramos perspectivas en defensa del personaje Helena. Como basamento teórico, utilizamos las concepciones de Crepaldi (2012), Desierto (2016), Grimal (1997), Ribeiro Jr. (1998) y Vernant (2000). Por último, desprendemos que toda la trayectoria de Helena es influenciada por los dioses, ya que encontramos indicios, desde el nacimiento, transitando por su secuestro, su vuelta a Esparta y su ida a la isla de los Bienaventurados, de que los dioses actuaron en esa ruta, incluso utilizaron a Helena para el desencadenamiento de la guerra.

PALABRAS CLAVE: Helena. Trayectoria. Influencia. Dioses.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – “The Judgement of Paris” (1577–1640).....	18
FIGURA 2 – “Helen & Aphrodite”	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A GENEALOGIA DE HELENA SOB DIFERENTES OLHARES.....	14
2.1 Nascida do ovo: versões acerca da genealogia de Helena.....	14
3 PRIMÍCIAS DA INFLUÊNCIA DOS DEUSES NA VIDA DE HELENA.....	17
3.1 Julgamento de Páris: Prelúdio da Guerra de Tróia.....	17
3.2 A má fama, <i>kakós kléos</i> , atribuída à Helena a partir do seu rapto por Páris Alexandre.....	19
4 HELENA FOI À TRÓIA?	22
4.1 Intercessão do sofista Górgias.....	22
4.2 Abordagem do tragediógrafo Eurípides em <i>Helena</i>	23
5 OS DEUSES E O DESTINO DE HELENA: GUERRA DE TRÓIA.....	26
5.1 Intervenção dos deuses na Mitologia Grega: a ação divina sob a vida de Helena.....	26
5.2 A soberania de Helena, sua volta à Esparta e a sua ida para a Ilha dos Bem Aventurados.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O mito da personagem Helena é disseminado desde a época homérica até os dias atuais, visto que ficou conhecido através da obra *Ilíada* (VIII a.C.), na qual Homero explicita a narrativa de uma linda mulher que encantava a todos com sua beleza e que fugiu com um estrangeiro para Tróia, deixando sua filha Hermione e seu marido Menelau em Esparta. Nesta abordagem, Helena se torna uma mulher adúltera, como também a desencadeadora da célebre Guerra de Tróia. Com base nisso, este trabalho de conclusão de curso pretende analisar a intervenção dos deuses no trajeto da personagem mitológica Helena. Para isso, investigamos as diferentes abordagens do mito de Helena, assim como analisamos a sua trajetória desde o nascimento até a sua volta para Esparta, após a Guerra de Tróia. Tendo isso em vista, averiguamos as abordagens do mito da personagem, focalizando desde sua genealogia até a sua ida para o paraíso dos mortais, a Ilha dos Bem-aventurados. Além disso, procuramos evidenciar a influência dos deuses na vida dos mortais, mais especificamente na vida de Helena, explicitando a épica cena “O julgamento de Páris”, bem como compreender como a má fama, *kakós kléos*, da personagem está relacionada à sua ida à Tróia. Ademais, observamos a perspectiva de defesa de Helena abordada em *Helena* de Eurípides e no *Elogio de Helena* do sofista Górgias, obras do século V a.C.

Essa má fama da personagem foi promulgada durante séculos e a atribuição de culpa preconiza a sua ida à Tróia com Páris Alexandre. Contudo, esse argumento não é de todo válido, já que não há provas de que a rainha de Esparta foi por vontade própria. Na obra homérica *Ilíada* (VIII a.C.), depreendemos que Helena demonstra grande tristeza e se culpa por ter causado a Guerra de Tróia. Ainda no canto III do poema, após uma conversa com a deusa Íris, que estava metamorfoseada de uma velha senhora, percebemos que Helena ainda possui sentimentos por Menelau, seu primeiro marido. Como segue:

Na alma as palavras da deusa infundiram-lhe doce saudade do seu primeiro marido, dos pais e da pátria grandiosa. Ei-la que o rosto recobre com o nítido véu, apressada, e, a derramar ternas lágrimas (...). (*Ilíada*, III, vv. 139-142)¹.

¹ Utilizamos, nesse trabalho, a tradução de Carlos Alberto Nunes da obra *Ilíada*.

Com base no trecho acima, inferimos que Helena pode ter ido à Tróia contra a sua vontade, isto é, raptada, já que ainda sente saudade do primeiro marido, bem como vivia triste pelos palácios de Tróia.

Vista por muitos como um exemplo a não ser seguido, diferentemente de Penélope, esposa do herói Ulisses. Na *Ilíada*, Helena se mostra como a sua maior juíza, já que durante a guerra ela se martiriza inúmeras vezes. Sobre isso, Clara Crepaldi (2012) afirma:

[...] Helena tem em si mesma sua maior acusadora. Particularmente marcante é o uso de *kúon*, “cão”, e *kunôpis*, “cara de cadela”, insultos comuns em outras partes da *Ilíada* e da *Odisseia*, mas somente autodirecionados por Helena. (CREPALDI, 2012, p. 52).

A autora explica que esse autojulgamento de Helena demonstra consciência e uma profunda vergonha por ter causado a guerra, “ainda que essa responsabilidade, pelo ponto de vista da própria personagem, pareça exagerada, se comparada aos julgamentos de outros, incluindo os sábios anciãos troianos.” (CREPALDI, 2012, p. 62).

Dessa forma, visamos elucidar como essa má fama foi construída, como também mostrar a influência dos deuses gregos na eclosão da Guerra de Tróia e como Helena foi usada para essa articulação. Tendo isso, analisamos, neste estudo, algumas obras em que Helena é representada como “vítima” da situação, através das obras de Eurípides e Górgias, citadas anteriormente. A partir dessa análise, compreendemos a relação da má fama, *kakós kléos*, de Helena com a sua ida à Tróia, sobretudo, a ligação da sua jornada aos desejos divinos.

Com base nisso, este trabalho foi construído a partir de leituras e produções de resenhas, fichamentos sobre os textos que auxiliaram na reflexão e discussão do tema proposto. Assim, para investigar as abordagens do mito da personagem Helena, bem como a sua trajetória, foi necessário analisar os poemas homéricos *Ilíada* e *Odisseia*, com o intuito de perceber como é desenhada a figura de Helena nessas obras, visto que foi a partir delas que a má fama, *kakós kléos*, da personagem surgiu. Além disso, fizemos a leitura minuciosa dos capítulos da *Biblioteca* de Apolodoro (II d.C.) que versam sobre a personagem Helena, como sua genealogia, seu rapto, “O julgamento de Páris”, entre outros. Para tal, estudamos

textos que nos deram aporte teórico acerca da *Biblioteca*, como “Percursos mitográficos em busca de fontes para uma Biblioteca” (2015) e “Apontamentos acerca da Biblioteca de Apolodoro” (2012), ambos de Luciene Lages.

Ademais, importa aqui verificar como se dá a representação da personagem na obra literária *Helena* do tragediógrafo Eurípides e no texto argumentativo do sofista Górgias: *Elogio de Helena*. Por fim, estudamos como a má fama da personagem se difundiu, bem como investigamos a relação dessa má fama aos desejos dos deuses, mais especificamente, Zeus, Hera e Afrodite. Além disso, estudamos como foi possível a volta da personagem Helena para o seu trono em Esparta. Dessa forma, nosso estudo se caracterizou como teórico, visto que procuramos fazer um contraponto entre obras que pintam Helena como uma vítima da situação e obras que mostram a personagem como uma figura a não ser seguida. Assim sendo, por meio da revisão bibliográfica acerca do mito de Helena tentamos atestar a influência dos deuses na trajetória da personagem.

Este trabalho possui cinco capítulos. No primeiro capítulo, através das considerações iniciais, apresentamos, de forma breve, o roteiro que foi utilizado em todo o trabalho. No segundo capítulo, discorremos acerca da genealogia da personagem Helena, visto que foram encontradas oscilações nas abordagens sobre o seu nascimento. Para isso, utilizamos referências como Apolodoro (II d.C.), Eurípides (V a.C.), Pierre Grimal (1997) e Vernant (2000), a fim de comparar as abordagens e entender o início da trajetória da personagem.

No terceiro capítulo, apresentamos a tese propriamente dita sobre a interferência dos deuses gregos no percurso da personagem Helena. Dessa forma, tratamos da cena que é conhecida por muitos, “O Julgamento de Páris”, a qual tem diversas pinturas famosas como as obras de Peter Paul Rubens, Enrique Simonet, Joachim Wtewael, entre outros. Essa cena tão representada na pintura, é explanada nesse capítulo, visto que a partir do Julgamento notamos a influência dos deuses na vida de Helena. Também foi abordado nesse capítulo como essa influência levou Páris Alexandre a raptar Helena e como esse sequestro atribuiu a má fama que essa personagem feminina carrega até os dias atuais.

No quarto capítulo buscamos evidenciar duas vozes de escritores acerca da culpa e ida de Helena à Tróia. Dessa maneira, observamos as considerações do sofista Górgias em seu discurso argumentativo *Elogio de Helena*, bem como a

tragédia *Helena* do poeta Eurípides. Para finalizar, no quinto e último capítulo, discorreremos sobre a beleza suntuosa de Helena e como essa beleza se torna um poder para a mortal. Ademais, analisamos o fim da vida da personagem mitológica, isto é, sua volta para Esparta e sua ida para os Campos Elíseos ou Ilha dos Bem-aventurados, atrelando sempre a fragmentos de obras que demonstrem a relação dos deuses com a trajetória de Helena.

Ressaltamos, por fim, que a temática abordada nesta pesquisa nasceu a partir de um Projeto de Iniciação Científica, PIBIC, referente aos anos de 2015-2016, orientado pela profa. Dra. Luciene Lages, no qual estudamos a má fama, *kakós kléos*, que é atribuída à Helena. Depois disso, surgiu um entusiasmo quanto à trajetória da personagem, bem como acerca da área de Literatura Clássica.

2 A GENEALOGIA DE HELENA SOB DIFERENTES OLHARES

2.1 NASCIDA DO OVO: VERSÕES ACERCA DA GENEALOGIA DE HELENA

A personagem Helena, conhecida por sua traição e beleza, tem a história do seu nascimento abordada em várias obras. Ela, além de um pai mortal, o rei Tíndaro, tem um pai imortal, Zeus. Segundo o *Dicionário da Mitologia grega e romana* de Pierre Grimal (1997), a genealogia de Helena, conforme a epopeia homérica, é clara: “Filha de Zeus e de Leda, seu pai humano é Tíndaro e seus irmãos são os Dióscuros, Castor e Pólux. Sua irmã Clitemnestra.” (GRIMAL, 1997, p. 197)². Além dos parentescos, Grimal (1997) afirma que antes de ser considerada filha de Leda, Helena foi apontada como filha de Zeus e Némesis, essa fugindo de Zeus, percorreu o mundo inteiro e assumiu toda a espécie de formas. Finalmente, metamorfoseou-se em gansa. Grimal (1997) expõe que Zeus transformou-se em cisne e uniu-se à Némesis, dessa união ela pôs um ovo e o abandonou em um bosque sagrado. Após isso, um pastor encontrou o ovo e o transportou até Leda. Desse ovo nasceu Helena, que foi criada por Leda como filha. (GRIMAL, 1997, p. 197).

Sobre a versão tradicional, Grimal (1997) relata que, numa versão semelhante, Zeus uniu-se à Leda sob o aspecto de um cisne e ela pôs um ovo, do qual surgiu sua filha. Ainda em outra versão, Leda pôs dois ovos, de um saíram Helena e Pólux, de outro, Clitemnestra e Castor. O autor ainda complementa: “A menos que Helena, Castor e Pólux tenham saído do mesmo ovo, enquanto Clitemnestra, filha de Tíndaro, nasceu de modo natural”. (GRIMAL, 1997, p. 197). Em seguida, ele explica que em outras tradições narravam que Helena era fruto de Oceano ou de Afrodite e além de Clitemnestra, referiam Timandra e Filónoe como irmãs da bela Helena. (GRIMAL, 1997, p. 197).

Similar à versão clássica, em *Helena* do tragediógrafo Eurípides, a genealogia é explanada através da primeira fala de Helena:

Quanto a mim, a minha terra pátria é a não inglória Esparta
e Tíndaro é meu pai. Há decerto uma história,
segundo a qual Zeus voou para minha mãe,
Leda, na forma de um cisne que fugia da perseguição de uma águia,

² Servimo-nos em todo o trabalho da tradução de Victor Jabouille.

e assim logrou um leito enganoso – se é mesmo clara uma história tal.
(*Helena*, vv. 16-21).

Com base nos versos acima, notamos que o mito continua na mesma vertente, contudo, a própria Helena demonstra uma falta de nitidez acerca da sua genealogia. Ainda dentro dessa versão, encontramos na obra *Biblioteca* de Apolodoro mais referências à genealogia da personagem. Para uma melhor compreensão, fizemos a leitura dos textos “Apontamentos acerca da Biblioteca de Apolodoro” e “Percursos mitográficos em busca de fontes para uma Biblioteca” de Luciene Lages acerca dessa obra. A partir disso conhecemos aspectos importantes presentes nessa obra, como fontes, genealogias, etimologias, feitos de heróis, entre outros. Além de entender como essa *Biblioteca* é organizada, sendo em três livros e a epítome, observamos os tipos de citações que a obra possui: citações nomeando autores, autores acompanhados com o título da obra e obras citadas sem autor. Conforme Lages (2012), os autores mais destacados no livro I da *Biblioteca* são: Homero, Hesíodo, Pisandro, Ferecides, Herodoto, Paniasis, Apolônio e Demarato. Essas informações foram significativas, pois analisamos capítulos da *Biblioteca* que tratam do mito de Helena.

Constatamos no livro III da referida obra que o mito acerca da genealogia segue a mesma linha tratada no início desse capítulo, visto que há o seguinte excerto: “Zeus com a aparência de um cisne teve relação sexual com Leda, na mesma noite que Tíndaro, e assim Pólux e Helena foram engendrados por Zeus e Castor e Clitemnestra por Tíndaro.” (*Biblioteca*, III, 7, 126-127)³. Mais adiante, na mesma obra, o autor expõe outra versão, a qual narra que Helena era filha de Némesis e Zeus, ela, para fugir da união com Zeus transformou-se em ganso, mas Zeus metamorfoseou-se em cisne e se uniram. Como resultado, ela pôs um ovo. Após isso, um pastor o encontrou em um bosque, coletou e entregou à Leda, que o guardou em uma cesta, e no momento certo nasceu Helena, e Leda a criou como se fosse sua filha. (*Biblioteca*, III, 7, 127-128).

Por fim, a versão exposta na obra *O universo, os deuses, os homens* de Jean-Pierre Vernant (2000) mostra uma semelhança com todas as variantes anteriores, entretanto, nela, Pólux descende de Zeus e é imortal, já Castor de

³ As traduções da *Biblioteca* foram feitas pelos autores desse trabalho de conclusão de curso a partir da obra *Biblioteca mitológica*. Edición de José Calderón Felices.

Tíndaro. Segundo à obra, em uma luta que os irmãos travaram com seus primos, Idas e Liceu, Castor morre e vai para o Inferno e seu irmão Pólux, que saiu vencedor da luta, é levado ao Olimpo por Zeus. Contudo, por serem tão ligados,

Pólux consegue de Zeus que a imortalidade seja compartilhada entre ele e o irmão, cada um deles passando metade do tempo com os deuses no céu e metade num exílio debaixo da terra, nos Infernos, no reino das sombras, ao lado dos mortais. (VERNANT, 2000, p. 91).

Nessa versão, há também a descrição do relacionamento entre Clitemnestra e Helena. Conforme Vernant, elas se correspondiam como calamidades, visto que a primeira, que é tida como filha puramente de Tíndaro, “encarna a maldição que pesa sobre a estirpe dos Atridas, é o espírito vingativo que leva a morte ignominiosa ao vencedor de Tróia, Agamêmnon.” (VERNANT, 2000, p. 91). Por outro lado, Helena, descendente de Zeus, tem uma aura divina, “[...] até mesmo nas desgraças que provoca. De sua pessoa irradia permanentemente o brilho de sua beleza, que faz dela um ser assustador pelo poder de sedução (...)” (VERNANT, 2000, p. 91). Dessa forma, uma irmã é tida como vingança e maldição e a outra como luz e beleza. Sendo assim, elementos contrastantes dentro da mitologia grega.

3 PRIMÍCIAS DA INFLUÊNCIA DOS DEUSES NA VIDA DE HELENA

3.1 JULGAMENTO DE PÁRIS: PRELÚDIO DA GUERRA DE TRÓIA

Sem dúvidas o “Julgamento de Páris” foi o passo inicial para o desencadeamento da Guerra de Tróia, já que ao escolher Afrodite, Páris Alexandre adquiriu a pretensão de conquistar a mais bela das mortais, Helena. Como fonte mitográfica, dispomos do *Dicionário da Mitologia grega e romana* de Pierre Grimal (1997), utilizado no segundo capítulo. Com base nele, Helena era a mais bela do mundo e a deusa Afrodite prometeu a Páris que lhe daria Helena, se ele atribuísse à deusa do amor o prêmio de beleza. Páris a escolheu e seguindo os conselhos embarcou e foi até Amiclas, onde foi hóspede dos Tindáridas. Após isso, foi recebido em Esparta por Menelau, marido de Helena. Entretanto, quando foi à Creta, para os funerais de Catreo, Helena substituiu o marido nos deveres para com os hóspedes. Assim, encontrou Páris e pouco depois ele a raptou. (GRIMAL, 1997, p. 198). Ainda consoante Grimal (1997):

A maior parte dos autores posteriores a Homero considera que Helena estava de pleno acordo quanto a esse rapto. Alguns tentam justificar a sua conduta e garantem que apenas cedeu à força. Outros, por fim, dizem que foi o próprio Tíndaro quem na ausência de Menelau concedeu a Páris a mão de Helena. Chegou mesmo a dizer-se que Afrodite dera a Páris a forma e figura de Menelau para lhe permitir seduzir Helena. A maior parte das vezes, porém, atribui-se à beleza de Páris e à sua riqueza o papel decisivo nesse rapto. (GRIMAL, 1997, p. 198).

Para finalizar, o autor explica que Helena não partiu com Páris de mãos vazias, pois levou com ela tesouros e escravas. Contudo, deixou sua filha Hermione em Esparta. Em consonância com a versão apresentada no dicionário, a abordagem da *Biblioteca* de Apolodoro, versa que o “Julgamento de Páris” se deu da seguinte forma: Houve um banquete e apesar da grande quantidade de convidados para o casamento de Peleu e Tétis, a deusa da discórdia, Eris, não foi convidada e enviou ao evento um maçã de ouro, na qual se podia ler a inscrição “para a mais bela”. Com isso, três deusas, Hera, Atena e Afrodite, disputaram a maçã. Zeus atribuiu a Páris Alexandre que julgasse qual a mais bela entre as deusas e cada uma tentou atribuir um presente a Páris Alexandre a fim de receber o título de mais bela. Hera ofereceu o reino sobre todos os homens, Atena lhe prometeu a vitória na guerra e Afrodite o matrimônio com Helena. Tendo isso, Páris elegeu a proposta da deusa

Afrodite e viajou rumo à Esparta. Chegando lá, ficou hospedado durante nove dias na casa de Menelau, marido de Helena. No décimo dia, foi até Creta tributar honras fúnebres ao seu avô materno Catreo. Depois, conseguiu convencer Helena que fosse embora com ele, abandonando Hermione, de nove anos de idade. Prometendo embarcar com as maiores riquezas possíveis se fosse ao mar com ele pela noite. (*Biblioteca*, Epítome III, 2).

FIGURA 1 – “The Judgement of Paris”; Peter Paul Rubens (1577–1640)



Fonte: The National Gallery

A versão do Julgamento de Páris tratada em *Helena* de Eurípides é correspondente às versões anteriores. Por meio das palavras da personagem Helena, vemos:

Helena é meu nome, e os males que sofri hei de vos contar.
 Foram três deusas, pela causa da beleza,
 a um vale do Ida, em busca de Alexandre,
 Hera, Cípris e a virgem filha de Zeus,
 querendo decidir um concurso de formosura.
 E a minha beleza, se é mesmo belo o infortunado,
 tendo-a oferecido para que Alexandre me desposse, Cípris
 vence. Então Páris do monte Ida deixou seu rebanho
 e foi à Esparta para me tomar como esposa.
 (*Helena*, vv. 21-30).

A partir da citação acima, da versão apresentada no *Dicionário da Mitologia grega e romana* de Grimal (1997) e da versão de Apolodoro, percebemos que Páris Alexandre foi à Esparta especialmente por causa do prêmio recebido por Afrodite. Sendo assim, a deusa do amor teve uma grande influência em relação ao rapto de Helena, como também quanto à Guerra de Tróia.

3.2 A MÁ FAMA, *KAKÓS KLÉOS*, ATRIBUÍDA À HELENA A PARTIR DO SEU RAPTO POR PÁRIS ALEXANDRE

A boa fama, a *kalós kléos*, é uma preocupação e meta para a maioria dos heróis desde a época homérica, visto que é preferível morrer jovem e ter o nome glorioso, como bem exemplificou a figura e escolha do herói Aquiles na obra *Ilíada* de Homero, visto que esse escolheu uma morte gloriosa a uma vida longa. Sobre a preferência de Aquiles, Jean-Pierre Vernant (1978) afirma:

Como ele mesmo explica, dois destinos foram-lhe oferecidos desde o seu nascimento, para conduzi-lo até onde toda existência humana encontra seu termo, dois destinos que se excluía rigorosamente. Ou a glória imorredoura do guerreiro (*kléos áphthiton*), mas a vida breve, ou então uma vida longa, retirada, mas a ausência de qualquer glória. (VERNANT, 1978, p. 32).

Constatamos no artigo “A bela morte e o cadáver ultrajado” de Vernant (1978) que os grandes heróis preferiam a bela morte porque queriam eternizar seus nomes, transformar sua morte em glória eterna. Essa morte gloriosa amplia a condição do guerreiro por toda a sua existência e pósteros a sua vida. Para adquirir a *kalós kléos*, o herói abria mão de ter uma longa vida, uma vez que “a lógica da honra heroica é a do tudo ou nada; ela vale fora e acima das hierarquias de posição. Se Aquiles não é reconhecido como o primeiro, e, de certo modo, o único, sente-se reduzido a zero”. (VERNANT, 1978, p. 36). Ainda sobre isso, Vernant explica que:

Entre a glória imperecível, para a qual está predestinado, e o último grau da ignomínia, não há posição intermediária em que Aquiles possa encontrar seu lugar. Qualquer ofensa à sua dignidade provoca um efeito pendular de um extremo a outro porque é atingido através dele um valor que é preciso aceitar sem reservas, sem comparação, sob pena de depreciá-lo por inteiro. (VERNANT, 1978, p. 36).

Para os gregos ultrapassar a morte é esquivar-se da velhice, de modo que a morte e a idade avançada se igualem. Em vez de sofrer pelo fato de morrer jovem, os heróis tornavam a morte um desafio contínuo, agregando o valor que os mortais glorificarão como uma referência da bela morte, da morte imperecível, eternizada. O louvor da “bela morte”, na época clássica, revela a credibilidade que o ideal heroico possuía. Ainda sobre isso, Vernant (1978) esclarece que para essa honra heroica perdurar no âmago de uma sociedade é necessário que a função poética tenha preservado um papel de educar e formar, isto é, transmitir e ensinar a cada um essa amálgama de crenças, valores e saberes que formam uma cultura. Apenas a poesia épica pode averiguar ao desejo de boa fama, de glória imorredoura, que reside no herói, visto que “a epopeia desempenha o papel de *paidéia*, exaltando os heróis exemplares...”, de modo que apresenta um herói corajoso, que não teme a morte e que tem a pretensão de ultrapassá-la. (VERNANT, 1978, p. 42).

Por outro lado, a condição feminina na sociedade patriarcal grega enfrentava várias privações, na maioria das vezes, as mulheres tinham de aceitar o seu destino, designado pelo pai, e além da submissão, elas não tinham os mesmos direitos que os homens e nem exerciam as mesmas funções, além disso eram consideradas como seres íferos. Assim sendo, a má fama da personagem Helena pode ter surgido dessa condição que impõe o homem como superior e herói e a mulher como inferior e submissa, uma vez que, colocando a culpa em Helena e apontando-a como adúltera, Páris Alexandre eliminaria a responsabilidade pelo rapto da bela rainha e ele continuaria como herói.

Em outra obra, Vernant (2000) continua a discutir a temática da morte gloriosa. No capítulo “A guerra de Tróia”, mais precisamente, no subcapítulo “Morrer jovem, sobreviver na glória”, o autor narra o cenário em que Odisseu tenta escapar de ir à Tróia, já que tinha acabado de ter seu filho, Telêmaco, e esse seria um momento inadequado para deixar sua família. Após aceitar ir para a guerra, Odisseu, vai atrás de Aquiles, filho do mortal Peleu e da deusa Tétis, por causa da sua genealogia, “ele não pode estar inteiramente de um lado ou de outro” (VERNANT, 2000, p. 96). Atrelado ao que foi dito anteriormente, Aquiles

Não pode simultaneamente usufruir do que a vida à luz do sol oferece de mais doce aos humanos e garantir à sua pessoa o privilégio de nunca se privar dessa luz, nunca morrer. Desfrutar da

vida – o bem mais precioso para as criaturas efêmeras, o bem incomparável a qualquer outro, por ser o único que, quando perdido, não pode ser reencontrado – é renunciar a qualquer esperança de imortalidade. Querer ser imortal é, em parte, aceitar perder a vida antes mesmo de vivê-la plenamente. (VERNANT, 2000, p. 96).

À vista disso, em suas considerações, Vernant explica que se Aquiles escolhe ficar onde nasceu, na Ftia, com a família e em segurança, terá uma vida longa e feliz, atravessando o ciclo natural da vida dos mortais e chegando à velhice. A sua outra opção é a breve vida e a glória eterna. Para isso, terá de partir para longe, correr riscos e entregar-se antecipadamente à morte, tendo, assim, a bela morte, abordada por Vernant (2000).

Por outro lado, a má fama, *kakós kléos*, traria infortúnio ao herói, já que é sinal de vergonha e covardia. Assim, Helena e a sua reputação de exemplo a não ser seguido, conhecida também como “a desencadeadora da Guerra de Tróia” e que é difamada pela boca alheia desde a época clássica até os dias atuais teria construído a sua má fama a partir do momento em que viajou para Tróia com Páris Alexandre, posto que para muitos ela abandonou seu marido, Menelau, e fugiu com um estrangeiro, tornando-se uma mulher adúltera e imoral. Contudo, para alguns estudiosos, como Górgias e Isócrates, Helena é inocente, pois foi raptada e levada de seu lar por um visitante ou até mesmo pode ter ido embora persuadida por um discurso enganador, já que a palavra tem um grandioso poder e dessa forma o persuasor seria o único culpado.

Essa perspectiva em relação a sua má fama pode ser analisada tendo em vista a organização da sociedade grega e o papel da mulher dentro da coletividade. Nesse sentido, a figura feminina precisava possuir características corporais que a tornasse objeto das solicitações dos homens, como também dispor de condições comprobatórias do seu compromisso com a família, como modelo de suas aptidões de mãe e esposa, ou seja, se Helena foi à Tróia com Paris Alexandre, deixando seu primeiro marido e filha, essa figura de mãe e esposa exemplar é quebrado, levando sua reputação à imagem de adúltera e imoral.

4 HELENA FOI À TRÓIA?

4.1 INTERCESSÃO DO SOFISTA GÓRGIAS

Natural de Leontinos, Górgias viveu no século VI a.C. e é conhecido nos manuais de Filosofia como sofista. Segundo Claudiano Santos (2008), Górgias foi um professor de Retórica, cujas obras que ainda restaram demonstram um pensamento elaborado, como também enfatizam os poderes e limitações do discurso. Esse último aspecto poderá ser visto no texto trabalhado a seguir. No início do fragmento intitulado *Elogio de Helena*, Górgias anuncia que pretende libertar Helena da sua má fama e da sua culpa por ter desencadeado a Guerra de Tróia, bem como desmascarar os que praticam calúnia sobre ela. O sofista explica que a sublime beleza de Helena vem de natureza e genealogia, filha de Leda e de dois pais, Tíndaro, o mais poderoso dos homens, e Zeus, o senhor do universo. Segundo ele, a beleza de Helena atraiu diversos homens com vários atributos, sejam esses físicos, financeiros ou psicológicos. Górgias deixa claro que não falará em seu discurso sobre o porquê de alguém ter raptado Helena e declara que irá expor alguns motivos pelos quais a ida dela à Tróia mostrava-se natural.

O primeiro argumento usado por Górgias afirma que Helena foi à Tróia por desígnio dos deuses, por destino. Dessa forma, ela é livre da culpa, pois os deuses são superiores aos humanos e é da natureza das coisas o mais fraco ser liderado pelo mais forte. (*Elogio de Helena*. Tradução Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro)⁴. Outro motivo relevante para Górgias é que se Helena foi levada à força, a culpa é apenas do bárbaro que a raptou e a ultrajou. E se ela foi persuadida pelo discurso, mais uma vez está salva, visto que a palavra tem um grande poder, como também o discurso é capaz de afetar o sentimento e “pode deter o medo como afastar a dor, provocar a alegria e intensificar a compaixão”. (*Elogio de Helena*. Tradução Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro).

Arelado a isso, Górgias explica que a persuasão através do discurso invade a alma e força o persuadido a acreditar no que foi dito. Dessa maneira, o persuasor é o único culpado da prática da violência. Segundo o sofista, a persuasão manipula a mente, destrói opiniões com outras opiniões, além de denotar coisas que não são concretas como verossímeis. (*Elogio de Helena*. Tradução Manuel Barbosa e Inês

⁴ Utilizamos a tradução de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro.

de Ornellas e Castro). Ademais, aborda o quarto motivo o qual mostra que Helena não é a culpada pela eclosão da Guerra de Tróia, esse motivo refere-se a um possível surgimento de amor em Helena através da sua visão, já que por meio da visão, a mente pode ser afetada. Para explicar melhor esse fundamento, o sofista dá um exemplo dos pintores e as suas obras de arte, eles as fazem com perfeição e oferecem uma contemplação prazerosa aos olhos, ou seja, a visão leva à paixão e ao desejo. (*Elogio de Helena*. Tradução Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro).

Portanto, para Górgias, se Helena se apaixonou por Alexandre, foi um infortúnio, ela não deve ser julgada por isso, pois a paixão é uma “doença humana” e uma confusão da mente. Desse modo, o sofista encerra seu elogio à Helena deixando claro que permaneceu fiel ao que prometeu no início de seu discurso, além de dizer que com esse elogio ele tentou desfazer a injustiça e a ignomínia associada a Helena.

4.2 ABORDAGEM DO TRAGEDIÓGRAFO EURÍPIDES EM *HELENA*

A partir da análise da obra *Helena* de Eurípides, a qual aborda o contexto da guerra, mais especificamente do ambiente em que Helena estava durante a Guerra de Tróia foi possível entender outra versão do mito da bela mortal. A tragédia inicia apresentando o ambiente e pela descrição notamos que Helena está no Egito em razão da sua primeira fala: “Do Nilo são estas correntes de belas virgens / que, em lugar da chuva de Zeus, molham a terra, / o torrão egípcio, quando derretida a branca neve”. (*Helena*, vv. 1–3)⁵.

A fim de explicar seus pesares, Helena narra o momento em que Páris Alexandre teve de julgar três deusas: Cípris, Hera e a virgem filha de Zeus, pela causa da beleza. Cípris ofereceu a beleza de Helena e venceu o concurso de formosura. Em razão disso, Páris Alexandre foi à Esparta tomar Helena como esposa. Furiosa por não ter ganhado o concurso, Hera enganou Alexandre e colocou um fantasma semelhante à Helena no tálamo do casal. Como segue:

E ele imagina que me tem – imagem vã –, quando não tem.
Mas também os planos de Zeus, por seu lado, a esses outros males
juntaram:

⁵ Tradução de Clara Lacerda Crepaldi.

pois guerra ele levou aos gregos e aos infortunados frígios
 para aliviar a mãe terra da enorme multidão de mortais
 e também para que se conhecesse o mais poderoso da Hélade.
 E para a luta contra os frígios, não eu, mas o meu nome
 Foi posto como prêmio de guerra aos gregos.
 (*Helena*, vv. 35-44).

Notamos nos versos acima, segundo Helena, que o plano de Páris Alexandre raptá-la e desencadear a Guerra de Tróia foi de Zeus. Posteriormente, ela narra como foi levada até a casa de Proteu, que foi escolhido para ser seu protetor por ser o mais virtuoso dos homens. Porém, com a morte do seu anfitrião e defensor, Teoclímeno ocupa o lugar de seu pai, Proteu, e deseja casar-se com ela. Ao mesmo tempo, Menelau, que naufragou e perdeu companheiros durante a viagem de volta à Esparta, chega nas mesmas terras em que Helena está, encontra uma anciã que afirma que Helena, a filha de Zeus, situa-se naquele lugar. Entretanto, Menelau trazia consigo o fantasma que se passava por Helena, acreditando ser a sua esposa. Em seguida, Helena e Menelau se encontram, mas não se reconhecem subitamente. Com a revelação de um servo, que relata que a esposa que Menelau havia trancado na caverna tinha ido ao céu, mas antes esse fantasma tinha dito as seguintes palavras:

Ó infeliz frígios
 e todos vós, aqueus: por mim, junto às margens do Escamandro,
 dia após dia, vós seguíeis morrendo por força das maquinações de
 Hera,
 imaginando que Páris possuía Helena, quando não possuía
 E eu, depois de ter permanecido pelo tempo necessário,
 e tendo garantido o que estava destinado a acontecer,
 vou-me embora ao céu, meu genitor. **A infeliz tindárida
 ouviu injustas maledicências, de nada tendo culpa!**
 (*Helena*, vv. 608-615, grifo nosso).

A partir dessa cena, Helena e Menelau celebram o reconhecimento mútuo, ela conta como foi levada ao Egito, por Hermes, a mando de Hera, explica ao seu marido sobre o julgamento de Páris e relata que o tirano daquelas terras deseja casar-se com ela. Depois de ouvir os pesares de Helena, eles decidem fugir juntos e para isso têm a ajuda de Teônoe, irmã do rei. Por fim, Helena consegue enganar o rei e fugir com seu verdadeiro marido, Menelau, já que conseguiu provar para ele a sua inocência.

Com base na tragédia de Eurípides, constatamos que a personagem Helena tem uma versão em que ela é apenas vítima dos planos de Zeus e que foi levada ao Egito como forma de vingança da deusa Hera para com Afrodite, já que essa havia ganhado a maçã “para a mais bela” por ter oferecido Helena a Páris Alexandre. Dessa forma, Helena serviu de marionete nos esquemas dos imortais, ocasionando, assim, a Guerra de Tróia.

5 OS DEUSES E O DESTINO DE HELENA: GUERRA DE TRÓIA

5.1 INTERVENÇÃO DOS DEUSES NA MITOLOGIA GREGA: A AÇÃO DIVINA SOB A VIDA DE HELENA

A responsabilidade da personagem Helena em relação à guerra inicia na obra homérica *Ilíada*, visto que não fica claro se ela foi à força ou por vontade própria à Tróia. Entretanto, em diversas passagens reparamos na influência que os deuses do Olimpo têm na vida dela, inclusive na sua ida à Tróia. Sendo assim, pretendemos nesse tópico elencar algumas dessas passagens a fim de dirimir a culpa de Helena. No canto III da referida obra, em uma conversa com seu irmão, Heitor, Páris Alexandre expõe:

É justo, Heitor, o que dizes; contrário à razão não discorres.
Teu coração é tão duro quanto o aço; semelha ao machado
que, manejado pelo homem, lhe aumenta o poder e no tronco
mui facilmente penetra, talhando-o para o uso das naves.
Resolução intrépida encerras, assim, no imo peito.
Não me censures pelos mimos da loura Afrodite...
(*Ilíada*, III, vv. 59-64).

Com base nas palavras de Páris Alexandre, fica claro que a deusa Afrodite deu mimos ao príncipe. Esse excerto faz referência ao prêmio que Afrodite ofereceu a ele no julgamento de Páris, isto é, a rainha Helena. Sendo assim, o desencadeamento da guerra foi ocasionada por um processo que vai da cena do julgamento de Páris, passa pelo rapto e, conseqüentemente, desemboca na Guerra de Tróia. Dessa forma, Afrodite tem culpa acerca do rapto e da guerra. Ainda sobre a influência de Afrodite no trajeto de Helena, encontramos também no canto III uma passagem que narra a cena em que a deusa está metamorfoseada de uma velha senhora, vai até Helena e diz: “Vem, cara filha, comigo, que Páris chamar-te mandou-me. / Ele te espera no quarto, onde se acha, no leito torneado, / belo de ver, irradiante e vestido a primor (...)” (*Ilíada*, III, vv. 390-392). Segundo a obra, “Essas palavras revolta no peito de Helena espertaram” (*Ilíada*, III, v. 395), já que reconheceu a deusa por seu belo pescoço, seios encantadores e olhos vivos. Em seguida, Helena disparou:

Falsa, por que procurar iludir-me com tantos embustes?
Naturalmente, com o fim de poderes mais longe levar-me,
a bem construída cidade da Frígia ou da Meônia formosa,
onde dileto mortal, destituído de senso, escolheste.
Por isso mesmo que o herói Menelau derrotou em combate

ao divo Páris, e quer para a casa fatal conduzir-me,
vieste até aqui meditando iludir-me com novas insídias?
(*Ilíada*, III, vv. 399-405).

FIGURA 2: “HELEN & APHRODITE”; Antikensammlung Berlin



Fonte: Theoi Project

Pelo discurso de Helena, constatamos a revolta que a consumira por ver que a deusa pretendia enganá-la, tentando levá-la ao tálamo do príncipe Páris. Atrelado a isso, encontramos excertos que revelam a interferência de Hera, Zeus e Atena no percurso de Helena. Enquanto a batalha ocorria, houve uma conversa no Olimpo, na qual Hera exigiu ao seu marido, Zeus, que enviasse Atena até a guerra para que os troianos quebrassem o acordo com os aqueus e, assim, houvesse discórdia. Zeus aceitou a proposta de Hera e declarou à Atena: “Baixa, sem perda, às fileiras dos Teucros e Aquivos, porque os Troianos primeiro aos aqueus exultantes ofendam, / com se tornarem perjúrios, quebrando a aliança firmada.” (*Ilíada*, IV, vv. 70-72). Após isso, Atena se disfarça de Laódoco, a fim de encontrar Pândaro, soldado da guerra. Depois de encontrá-lo, aproxima-se e o encoraja a atirar uma seta ligeira em Menelau, justificando que o herói Páris ficaria agradecido. Sob efeito das palavras de Atena, Pândaro

Sem mais demora o arco forte tomou, preparado dos chifres

de um cervo agreste e impetuoso, por ele apanhado em tocaia, quando o ferira no esterno, ao pular de um rochedo para outro. O coração traspassado, da pedra caiu, ressupino. Dezesseis palmos haviam os chifres na fronte crescido, os quais, um no outro, com muita perícia ajustou o torneiro, para, depois, o lavrar e lhe apor o anel de ouro num lado. O arco, com muito cuidado, no solo depôs o guerreiro, para entesá-lo; os consócios, na frente os escudos puseram, com a intenção de evitar que os valentes Aqueus o assaltassem antes de ser Menelau atingido, o discípulo de Ares... (*Ilíada*, IV, vv. 105-115).

Baseado no fragmento acima, constatamos que Hera pretendia defender os gregos e usou Zeus e Atena para isso, posto que os gregos e troianos haviam feito um acordo, o qual assegurava que somente Páris Alexandre e Menelau iriam lutar por Helena, o que ganhasse o duelo saia com Helena e com as riquezas. (*Ilíada*, III, vv. 253-255). Além dessa cena, Atena interveem na guerra no canto V da mesma obra. O referido canto inicia com os seguintes versos: “Palas Atena, a donzela de Zeus, em Diomedes infunde / força e coragem sem par, para que entre os Argivos pudesse / sobressair mais que todos e glória imortal conquistasse.” (*Ilíada*, V, vv. 1-3). À vista disso, inferimos a influência da deusa Atena na vida de mortais.

No mesmo canto, Atena em conversa com Ares, o deus da guerra, profere: “Ares guerreiro, dos homens flagelo, eversor de cidades, / não nos seria possível deixar que os Troianos e Aquivos / digladiassem, té vemos a quem Zeus concede a vitória?” (*Ilíada*, V, vv. 31-33). A partir desse pedido, fica evidente a influência de Zeus na decisão de quem sairia vencedor da guerra de Tróia. Destacamos também o fragmento presente no canto VII, o qual mostra que Atena ao perceber que os gregos estavam “caindo sem vida”, foi dialogar com Febo Apolo, que “estava a pensar na vitória dos homens de Tróia” (*Ilíada*, VII, v. 21), e esse exclama:

Filha de Zeus poderoso, por que, novamente, baixaste, com tanta pressa, do Olimpo? Que nova paixão te comove? Queres fazer que a indecisa batalha se mude em vitória para os Aqueus? Não tens pena, bem sei, dos Troianos que morrem. Fora bem proveitoso que, agora, um conselho me ouvisse: tréguas façamos, por hoje somente, aos combates e lutas; mas, amanhã, reinicie-se a feroz peleja, até que Ílio ponham por terra os Aqueus, visto que ambas, – ó deusas eternas! – determinastes que seja destruída esta bela cidade. (*Ilíada*, VII, vv. 24-32).

Na fala do deus Apolo, fica evidente que Atena tem poder para intervir na vitória dos Aqueus, como também que a deusa não tem comoção em relação à morte dos troianos. Por fim, Febo Apolo declara que Atena e Hera determinaram que Tróia fosse destruída. Posto isso, constatamos que além de Zeus, Atena e Hera interferirem diretamente na decisão de quem sairia vitorioso da guerra, há ainda a presença da deusa Íris, que assumindo as feições de Laódice, filha do rei Príamo, vai até Helena e a chama para contemplar as conquistas dos gregos e troianos, além disso informa que somente Menelau e Páris Alexandre lutariam pela vitória. (*Ilíada*, III, vv. 130-138). Consoante à obra,

Na alma as palavras da deusa infundiram-lhe doce saudade
do seu primeiro marido, dos pais e da pátria grandiosa.
Ei-la que o rosto recobre com o nítido véu, apressada,
e, a derramar ternas lágrimas, sai do aposento luxuoso...
(*Ilíada*, III, vv. 139-142).

A partir de diferentes trechos da *Ilíada*, percebemos que Helena está sempre triste e se culpando por ter causado a Guerra de Tróia. Ainda no canto III do poema, o rei Príamo tenta acalmá-la e afirma que de nada ela tem culpa, como segue:

Isso diziam: mas Príamo a Helena chamou em voz alta:
Vem, minha filha; aqui mesmo bem perto de mim vem sentar-te
porque o primeiro marido, os parentes e amigos revejas.
Não és culpada de nada; os eternos, somente, têm culpa,
que nos mandaram a guerra dos fortes Aqueus, lacrimosa.
(*Ilíada*, III, vv. 161-165).

Nos versos acima, notamos mais uma vez que os deuses são responsabilizados pela guerra. Desse modo, podemos afirmar que Helena seria apenas uma fantoche nos planos dos deuses, sendo usada para desencadear a guerra. Em resposta ao sogro, Helena afirma que não queria estar em Tróia, mas sim desejava estar ao lado de sua filha e seu esposo, Menelau, em seu lar, Esparta. Como se vê:

Disse-lhe Helena, a divina mulher, em resposta, o seguinte:
Sinto por ti, caro sogro, respeito e vergonha a um só tempo.
Bem melhor fora se a Morte terrível me houvesse levado,
antes de haver consentido em seguir o teu filho, deixando
o lar e o esposo, minha única filha e as gentis companheiras.
Mas não devia assim ser; essa a causa de todo o meu choro.
(*Ilíada*, III, vv. 171-176).

Sendo assim, podemos afirmar que existem indícios de que Helena não foi por vontade própria à Tróia. Baseando-nos agora na obra *Odisseia*, mais especificamente, no episódio intitulado Telemaquia, o qual mostra Helena revelando, mais uma vez, que o motivo dela ter sido raptada por Páris está relacionado à deusa Afrodite. Como segue abaixo:

[...] Rompem em altos lamentos as outras, Troianas; contudo, Muito exultei, porque o peito propenso a voltar se encontrava para o meu lar, **lastimando a loucura que por Afrodite me fora dada, ao levar-me da pátria querida para Ílio**, abandonando a filhinha, o meu leito de núpcias e o esposo, que nem é falta de dotes do espírito nem de beleza. Disse-lhe, então, Menelau, em resposta, o de louros cabelos: Tudo, ó mulher, referiste de acordo com a estrita verdade... (*Odisseia*, IV, vv. 259-266, grifo nosso)⁶.

Nesse excerto, novamente, vemos as lástimas de Helena por ter saído do seu lar e ter sido levada por Páris Alexandre para Tróia, deixando sua filha e seu marido. Há ainda, ao final da citação, a voz de Menelau que confirma as lamúrias de sua esposa. Atrelado a isso, encontramos um fragmento, também na *Odisseia*, o qual narra um diálogo entre Penélope e seu filho Telêmaco, esse estava informando à mãe as novidades que soubera sobre seu pai, Odisseu. Depois de contar que foi a Pilo e ao palácio do velho Nestor, Telêmaco diz que foi “para o famoso lanceiro nascido de Atreu, Menelau” (*Odisseia*, XVII, vv. 108-116). Segundo ele, “Lá pude Helena admirar, por quem tanto os Troianos e Aquivos / digladiaram, que tudo se deu por desígnio dos deuses.” (*Odisseia*, XVII, vv. 117-119). Tomando como base as palavras de Telêmaco, fica claro que algumas pessoas, como ele, enxergavam que a eclosão da guerra foi vontade dos deuses.

Além da percepção do filho de Odisseu, referida na *Odisseia*, achamos também, na mesma obra, o entendimento de Penélope acerca da ida de Helena à Tróia. Segundo a esposa de Odisseu:

A própria Helena de Argólida, filha de Zeus poderoso, jamais ao leito de um homem de fora teria subido, se, porventura, pudesse saber que os Aqueus belicosos para o palácio de novo a trariam, à terra nativa. **Um deus, sem dúvida, a fez praticar tal ação vergonhosa**, sem que tivesse, realmente, no espírito a culpa funesta

⁶ Tradução de Carlos Alberto Nunes.

premeditado, que a origem nos foi de tão grande infortúnio.
(*Odisseia*, XXIII, vv. 218-224, grifo nosso).

Dessa maneira, destacamos nesse subcapítulo alguns fragmentos que mostram que os deuses do Olimpo tiveram grande influência no percurso de Helena. Essa interferência vai desde o “Julgamento de Páris” até a sua ida de volta à Esparta, principalmente, se considerarmos a versão abordada por Eurípides em *Helena*, tendo em vista que o tragediógrafo cria uma versão na qual Helena resgata a confiança de seu marido, Menelau, e foge com ele, com destino à Esparta. Portanto, para fechar a trajetória da personagem principal desse Trabalho de Conclusão de Curso, trataremos a seguir do desfecho da vida de Helena.

5.2 A SOBERANIA DE HELENA, SUA VOLTA À ESPARTA E A SUA IDA PARA A ILHA DOS BEM AVENTURADOS

A mulher que fez milhares de homens e navios irem à Tróia, a mulher que foi incriminada de adultério, a mulher que foi acusada de abandonar sua família, e que ainda assim, depois de tudo, voltou para o seu trono em Esparta. Essa é Helena de Tróia, ou melhor, Helena de Esparta. De acordo com Jorge Deserto (2016) em “A incerta viagem dos mitos e das mulheres que neles vivem: a reinvenção de Helena”, Helena é

[...] o mais próximo que os Gregos chegam de uma *femme fatale*. Refiro-me àquele tipo de figuras, muito presentes, por exemplo, numa certa época da tradição cinematográfica de Hollywood, que juntam a uma enorme beleza uma nítida consciência do poder que essa beleza e o seu efeito transportam consigo. (DESERTO, 2016, p. 337).

Essa junção que o autor cita caracteriza a Helena descrita na obra *Ilíada*, visto que sua característica marcante é a beleza. Sobre isso, Sartre (1973) explica que “Helena entra para a história como um símbolo de beleza e também como uma advertência sobre as terríveis consequências que a beleza é capaz de trazer...” (SARTRE, 1973, *apud* NASCIMENTO, 2012, p. 2-3). A beleza inigualável de Helena, citada por vários autores, é decerto uma marca do seu poder, já que Helena é filha de Zeus e de acordo com o orador Isócrates em seu texto *Elogio de Helena*, texto escrito em contraposição à obra de Górgias, essa explorada no capítulo quatro,

Dos numerosos filhos semi-deuses de Zeus, somente por ela ele julgou digno ser chamado de pai. E mesmo que ele se interessasse sobretudo pelo filho de Alcmena e pelos filhos de Leda, ainda assim preferia Helena a Héracles, visto que deu a este o poder com o qual pôde dominar os outros pela violência, e a ela, por outro lado, concedeu a beleza, a qual, por natureza, comanda inclusive a mesma força. E Zeus, sabendo que as glórias e os esplendores não provêm dos momentos de paz, mas sim das guerras e das disputas, e querendo não somente elevá-los fisicamente ao nível dos deuses, mas também deixar suas reputações dignas de eterna memória, designou a Héracles uma vida penosa e afeita a perigos, enquanto fez, da natureza de Helena, célebre e digna de disputa. (*Elogio de Helena*, Isocrates, trad. Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda).

Com base no que foi referido acima, vemos que a beleza de Helena é tida por alguns autores como elemento de poder, este poder pode ser associado à sua ida de volta para Esparta, isto é, mesmo acusada de adultério, após o término da Guerra de Tróia, Helena volta para o seu lugar no trono em Esparta, ao lado do seu primeiro marido, Menelau. Assim sendo, resta a dúvida: Por que Menelau deixaria Helena voltar ao trono em Esparta se ele acreditasse que foi traído por ela?

Atrelado a isso, constatamos em Assunção (2013) que na época clássica as mulheres, geralmente, não tinham espaço para expor suas opiniões, inclusive, não podiam participar do *sympósion*, encontro de homens para um banquete, nesse evento só era permitido, além dos homens, mulheres cortesãs ou tocadoras de *aulós*⁷, porém, segundo Rundin (1996) *apud* Assunção (2013), há uma quebra na tradição, pois Helena está presente em algumas cenas de banquetes na obra homérica *Odisseia*. Com isso, ela rompe a tradição da presença exclusiva dos homens, além de presenciar o banquete, Helena participa ativamente da conversa, no canto IV da *Odisseia*, no episódio “Telemaquia”, o qual narra a ida de Telêmaco, filho do herói Odisseu, à Esparta. Entretanto, não é retratada comendo ou bebendo junto aos homens. Posto isso, verificamos que a personagem tem um papel preponderante nessas cenas e, assim, mais uma vez, mostra o seu poder.

Depreendemos, por esse episódio, que Helena não foi punida por ter ido à Tróia com Páris, visto que ao voltar para Esparta, ela casou-se novamente com Menelau, como também recebeu diversos presentes dos anfitriões “e, além disso, Proteu, o velho do mar, confirmou que, por ser filha de Zeus, estaria destinada, junto

⁷ Instrumento musical de sopro, também conhecido como tibia.

com o seu marido, à vida eterna nos Campos Elísios.” (SABINO, 2011, p. 11). Conforme Magalhães em “A Simbologia da água no Imaginário Grego”

Na parte ocidental, banhada pelo Oceano, localizava-se a região conhecida como Campos Elíseos, “Campos afortunados” ou “Ilha dos abençoados”, uma espécie de céu terrestre, para onde os mortais favorecidos pelos deuses eram levados, vivos, para gozar a imortalidade. (MAGALHÃES, 2008, p. 3).

Em consonância com Magalhães (2008), Ribeiro Jr. (1998) relata que

Após a morte terrena, os deuses enviavam seus escolhidos para as “ilhas dos bem-aventurados” onde levavam nova vida, perfeita e agradável. O local era vagamente situado no extremo oeste do rio Oceano, metáfora para lugares distantes e inalcançáveis. Na época clássica falava-se dos “campos Elíseos”, prado aprazível e de grande beleza situado igualmente na margem de Oceano... (RIBEIRO JR., 1998, s.p.).

Além dos excertos acima sobre os Campos Elíseos ou Ilha dos Bem-aventurados, encontramos também na obra homérica *Odisseia*, a seguinte passagem: “Mas quanto a ti, Menelau, descendente de Zeus, o Destino não determina morreres em Argos, nutriz de cavalos; para as campinas do Elísio, limite da terra, te enviam os imortais, onde está Radamento, de louros cabelos.” (*Odisseia*, IV, vv. 561-564). Segundo a obra, nesse lugar não nevava, nem chovia e os homens eram felizes por toda a existência, caracterizando-se como um paraíso para os mortais. À vista disso, percebemos que o poder de Helena se mostra vivaz, visto que mesmo tendo sido acusada de causar a Guerra de Tróia, ao final da sua vida, ela recebe o paraíso dos homens como premiação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, depreendemos que desde o nascimento, Helena tem seu percurso marcado com a interferência dos deuses manobrando a sua vida, posto que ao ser engendrada por Leda e Zeus, ambos metamorfoseados, Helena foge ao natural, nasce de um ovo e com o passar dos anos exhibe a maior beleza já vista em uma mortal. Essa beleza, possivelmente dada por Zeus como fonte de poder, como foi visto no subcapítulo 5.2, relaciona-se com a cena trabalhada no terceiro capítulo deste trabalho. Recapitulando-a, temos no Julgamento de Páris, a cena das deusas Hera, Atena e Afrodite oferecendo coisas preciosas em troca de receber o título de mais bela, Hera ofereceu o reinado sobre todos os homens, Atena, a vitória na guerra e o matrimônio com Helena é oferecido por Afrodite. Com base nisso, notamos que Helena se mostra importante até mesmo no meio dos deuses, visto que é colocada como presente precioso equivalente aos presentes de Hera e Atena. Além disso, salientamos que conforme Apolodoro em sua *Biblioteca*

Mais tarde, Alexandre raptou Helena, segundo alguns, por determinação de Zeus, para que sua filha se tornasse famosa por confronto militar entre Europa e Ásia, de acordo com a opinião de outros, para que fosse enaltecida pela raça dos semideuses. Por um desses motivos Éride arremessou a maçã da beleza a Hera, Atena e Afrodite, e Zeus ordenou a Hermes levá-las ao encontro de Alexandre (...) (*Biblioteca*, Epítome III, 1).

Posto isso, destacamos que a influência dos deuses ganha mais evidência a partir do julgamento, já que foi Zeus, pai de Helena, que ordenou que Páris fosse o juiz da sentença entre as três deusas. Assim, Zeus pode, possivelmente, ter traçado esse roteiro a fim de que Helena fosse raptada por Páris Alexandre.

Após o rapto, eclode a Guerra e Helena é tida como culpada. Para mostrar diferentes visões acerca da sua fama, trouxemos no quarto capítulo o ponto de vista do sofista Górgias, com o seu discurso argumentativo, através do texto *Elogio de Helena*, o qual elenca quatro motivos para dirimir a culpa de Helena, como se vê: sequestro, persuasão pelo discurso, amor através da visão e desígnio dos deuses. Assim sendo, o sofista, através do seu discurso, tenta romper com a culpa que Helena possui. Além de Górgias, apreciamos também a obra literária *Helena*, do tragediógrafo Eurípides, nela enxergamos uma nova versão de todo o mito de

Helena, posto que nessa tragédia Helena não foi à Tróia. A partir do “Julgamento de Páris”, Hera furiosa por não ter ganhado o concurso de beleza, engana Alexandre e coloca um fantasma semelhante à Helena no lugar da bela rainha. Dessa forma, não foi Helena que foi à Tróia raptada e sim um fantasma.

Nessa versão de Eurípides, Helena é absolvida da culpa e tem seu matrimônio com Menelau a salvo, já que ficou no Egito durante toda a Guerra, sob a proteção de Proteu. Na *Biblioteca* de Apolodoro, há uma versão semelhante à abordagem da obra *Helena*, a qual narra que Zeus mandou Hermes pegar Helena, levá-la até o Egito e entregá-la a Proteu, o rei dos egípcios, para que ele a custodiasse e para que Alexandre se apresentasse em Tróia com uma imagem de Helena, feita de nuvens. (*Biblioteca*, Epítome III, 5).

Posto isso, evidenciamos no último capítulo alguns fragmentos que mostram que Helena é exonerada da culpa de desencadear a Guerra de Tróia, uma vez que os deuses interferiram na vida dela, desde o seu nascimento. Primeiramente, vemos, a partir das palavras de Páris Alexandre, que a loura Afrodite deu-lhe mimos, tais paparicos estão relacionados diretamente com Helena, sendo ela a oferta de Afrodite no “Julgamento de Páris”. Depois, a mesma deusa, metamorfoseada de uma velha senhora, vai até Helena e tenta convencê-la a ir ao tálamo de Páris. Após isso, revelamos a influência de Hera na guerra, visto que a deusa do matrimônio pediu a Zeus que mandasse Atena até Pândaro, para que o guerreiro atirasse uma flecha em Menelau, fazendo com que o acordo feito entre gregos e troianos fosse quebrado, dado que o acordo assegurava que somente Páris Alexandre e Menelau iriam lutar por Helena, o que ganhasse o duelo saia com Helena e com as riquezas.

Seguidamente, Atena intervêm na vida dos mortais ao ir conversar com Ares, deus da guerra, e pedir que os gregos e troianos digladiassem até Zeus tomar a decisão acerca do povo vencedor da guerra. Depois, expomos a conversa entre Atena e Febo Apolo, nela, Febo Apolo afirma que Atena e Hera não têm pena dos troianos e que elas determinaram que Tróia fosse destruída. Encontramos também o fragmento em que a deusa Íris, assumindo as feições de Laódice, filha do rei Príamo, vai até Helena e a chama para contemplar as conquistas dos gregos e troianos, além disso informa que somente Menelau e Páris Alexandre lutariam pela vitória. (*Ilíada*, III, vv. 130-138). A partir dessa última cena, depreendemos que

Helena ainda sentia saudade de seu antigo lar, do seu primeiro marido, Menelau, e de sua filha Hermione, circunstância que indica que Helena não foi à Tróia por vontade própria.

Quanto à defesa de Helena por outros personagens, elencamos, primeiramente, a fala de seu sogro, Príamo, pai de Páris Alexandre. O rei de Tróia afirma no canto III da *Ilíada* que de nada Helena tem culpa e que os verdadeiros culpados são os eternos, ou seja, os deuses. Helena ainda conta com a defesa do filho de Odisseu e Penélope, Telêmaco, no canto XVII da *Odisseia*, ele afirma que a luta entre Troianos e Aquivos foi desígnio dos deuses. Por fim, analisamos o discurso de Penélope, que declara: “Um deus, sem dúvida, a fez praticar tal ação vergonhosa (...)” (*Odisseia*, XXIII, vv. 218-224). A partir dessa manifestação de três pessoas consideradas íntegras, afirmamos que a responsabilidade da Guerra de Tróia tem grande probabilidade de ter sido causada pelos deuses, principalmente Zeus e Afrodite.

Por fim, concluímos nosso trabalho no subcapítulo 5.2, o qual versa sobre a soberania de Helena, atribuindo o seu poder à beleza dada por Zeus, exaltada por diversos autores e também característica marcante da personagem. Além disso, discorreremos sobre a sua volta para o trono em Esparta e a sua ida para os Campos Elíseos, juntamente com Menelau. Esse subcapítulo é relevante para mostrar o final do trajeto de Helena, bem como salientar que, possivelmente, Zeus para se redimir com a filha, seja pela ausência ou pela armação em relação à guerra. Sobre isso, Sabino (2011) afirma que “Proteu, o velho do mar, confirmou que, por ser filha de Zeus, estaria destinada, junto com o seu marido, à vida eterna nos Campos Elísios.” (SABINO, 2011, p. 11).

Destarte, o percurso da personagem Helena é marcado pelos deuses desde o seu nascimento, sendo que Zeus engana sua mãe, Leda, metamorfoseado de cisne e assim eles a geram. Depois, a interferência divina principia na situação em que Zeus manda Páris escolher para quem daria o fruto da beleza, assim, Afrodite oferece Helena como prêmio e Páris vai de encontro à rainha mais bela das mortais. Além da influência exercida durante a guerra, percebemos também a influência dos deuses no final da vida de Helena. Portanto, todo o seu trajeto foi persuadido pelos divinos, principalmente pelo seu pai, Zeus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLODORO. *Biblioteca mitológica*. Edición de José Calderón Felices. Ediciones Akal, 1987.

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. O banquete e as narrativas na Odisseia. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, nº 2, 2013.

CREPALDI, Clara Lacerda. Entre Cães e Cadelas: A Helena Da Ilíada. *Nuntius Antiquus*: Belo Horizonte, v. VIII, n. 1, jan.-jun, 2012.

DESERTO, Jorge. A incerta viagem dos mitos e das mulheres que neles vivem: a reinvenção de Helena. *Cadernos de Literatura Comparada*: n. 34 – 06/ 2016 | 333-346 – ISSN 1645-1112.

EURÍPIDES. *Helena*. Tradução Clara Lacerda Crepaldi. (dissertação de Mestrado). São Paulo: FFCH/USP; Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2015.

GÓRGIAS, Elogio de Helena. In: *GÓRGIAS: Testemunhos e Fragmentos*. Tradução Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Colibri – Artes Gráficas, 1993.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

_____. *Ilíada*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ISÓCRATES. Elogio de Helena. In: LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates*: tradução, notas e estudo introdutório. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH-USP, 2011.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates*: tradução, notas e estudo introdutório. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH-USP, 2011.

LAGES, Luciene. Apontamentos acerca da Biblioteca de Apolodoro. In: AMARANTE, J. LAGES, L. (orgs.) *Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo*. Salvador: UFBA, 2012.

_____. Percursos mitográficos em busca de fontes para uma Biblioteca. In: OLIVEIRA, M. A. *A escrita grega no Império*, 2015.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A Simbologia da água no Imaginário Grego. *Morpheus* – Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 07, número 12, 2008 - ISSN 1676-2924.

MEAGHER, Robert. The meaning of Helen. In: *Search of an ancient icon*. Illinois: Bolchazy-Carducci, 2002.

NASCIMENTO, Dulcileide Virginio do. Helena, sempre Helena... *Principia*: n. 24, 2012.

RIBEIRO JR., W.A. Menelau. *Portal Graecia Antiqua*: São Carlos. 1998. Disponível em: <greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0067>. Acesso em 26 jan. 2018.

RUBENS, Peter Paul. The Judgement of Paris. 1577 – 1640, The National Gallery: Acquisition credit: Bought, 1844. Disponível em: <<https://www.nationalgalleryimages.co.uk/imagedetails.aspx?q=NG194&ng=NG194&frm=1>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

SABINO, Frederico Marques. *A Helena da Odisseia e sua revisão historiográfica*. 2011. 66 f. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte / Lausanne (Suíça), 2011.

SANTOS, Claudiano Avelino dos. *O Górgias retórico e o Górgias de Platão*. 2008. 118 f. Tese (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

THEOI PROJECT. K10.8 Helen & Aphrodite. Aaron J. Atsma, Netherlands & New Zealand, 2000 – 2017.

THE NATIONAL GALLERY. *The Judgement of Paris*. Peter Paul RUBENS, 1577 – 1640.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Revista Discurso*: nº 9, São Paulo, 1978.

_____. *O universo, os deuses, os homens*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.